


A CIDADE PINTADA: sobre novas formas de ver e conhecer o espaço habitado


LA CIUDAD PINTADA: sobre nuevas formas de ver y conocer el espacio habitado


THE PAINTED CITY: about new ways of seeing and knowing the inhabited space

 10.64493/INV.20.8

Joana Darck Soares da Silva
UFPE, Recife, Brasil

Maria Betânia e Silva
UFPE, Recife, Brasil

 0009-0004-6739-4208

 0000-0002-2149-8982

artigo recebido em: 15.12.2023

artigo aceite para publicação: 11.07.2024

This work is licenced under a [Creative Commons BY-NC-ND 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/).

Silva, J. & Silva, M. (2025). A cidade Pintada: sobre novas formas de ver e conhecer o espaço habitado. Invisibilidades - Revista Ibero-Americana de Pesquisa em Educação, Cultura e Artes. <https://doi.org/10.64493/INV.20.8>

Resumo

A investigação se centra na forma em que as tensões entre lugar, memória e arte, interferem no modo como três habitantes percebem a cidade de São Lourenço da Mata, através da cartografia e a entrevista narrativa. Cartografando a trilha do município, se perpassa a história de sua fundação, a relação que constrói com seus moradores, onde se discute com Santos (2012), Augé (2012) e Bosi (2023) afim de compreender como cada um destes detalhes, pode ser peça fundamental no processo de criação para as artes visuais.

PALAVRAS-CHAVE

São Lourenço da Mata; Cartografia; Entrevista Narrativa; Processo de Criação; Artes Visuais.

Resumen

La investigación se centra en la forma en que las tensiones entre lugar, memoria y arte interfieren en la forma en que tres habitantes perciben la ciudad de São Lourenço da Mata. Trazando la ruta del municipio, se recurre la historia de su fundación, la relación que construye con sus residentes y cómo cada uno de estos detalles puede ser una pieza fundamental en el proceso de creación para las artes visuales.

PALABRAS CLAVE

São Lourenço da Mata; Memoria; Processo de Creación; Artes Visuales.

Abstract

The investigation focuses on the way tensions between place, memory, and art influence the way three inhabitants perceive the city of São Lourenço da Mata, through cartography and narrative interviews. Mapping the trail of the municipality, explore the history of its founding and the relationships it builds with its residents.

KEYWORDS

São Lourenço da Mata; Cartography; Narrative Interview; Creation process; Visual Arts.

“Nada vejo por essa cidade
Que não passe de um lugar comum
Mas o solo é de fertilidade[...]
E eu não passo de um rapaz comum”
(Ramalho, 1976)

Introdução

Arte é diálogo. Percebo o fato desde a infância, ao ser arrebatada para este mundo, bem como fundamento a ideia, desde 2018, quando pisei pela primeira vez na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), na cidade do Recife, estado de Pernambuco, Brasil. Buscando dialogar sobre a cidade que habito, São Lourenço da Mata, utilizo minha linguagem comum que é a arte. Meu município de origem pouco é lembrado, para além de limítrofe da região metropolitana, ou Cidade da Copa de 2014. Para mim, porém, é parte indissociável da alma. Vivo e respiro São Lourenço da Mata como uma extensão de meu corpo. A possuo catalogada em minhas entranhas. Através da cartografia, que se erige “na força dos encontros gerados, nas dobras produzidas na medida em que se habita e percorre os territórios, é que sua pesquisa ganha corpo” (Da Costa, 2014, p.67), busquei entender o que é a cidade de São Lourenço da Mata para seus habitantes? O convite que o método faz, é justo o de repensar os ambientes, tomados por conhecidos, de se permitir lançar novo olhar, sobre emoções específicas, sobre aquilo que, em tese,

deveria ser ordinário Oliveira e Richter (2017). Objetivando, assim, vislumbrar esta cidade através do olhar daqueles que nela vivem.

Essa nova visão, porém, surge na natureza de outros pares de olhos, que não os meus, trazendo a característica da entrevista narrativa, um método de cunho qualitativo que visa reconstruir acontecimentos a partir da perspectiva dos informantes. Onde, há estímulo a liberdade e fluidez das respostas aos contribuintes, através de perguntas sucintas de caráter instigador. A intenção do método está em, além de assemelhá-lo a uma conversa, incentivar a narração pessoal de episódios importantes. Permite, neste sentido, que o narrador conduza o fluxo da história conferindo-a caráter particular, pessoal, único Cabral e Sousa, (2015). Nesse ensejo, três habitantes foram convidados, com faixa etária distinta, para participarem do estudo. No mergulhar da trilha de memórias deixadas, três obras de arte foram produzidas com o foco na cidade que existia para esses moradores, criando uma reflexão sobre memória, percepção e construção de lugares. Entendendo aqui, lugar como um espaço particular, familiar, responsável pela construção de nossas raízes e nossas referências no mundo, Canton (2009).

A cidade que existe

Existe uma máxima, de que a história é contada pelos vitoriosos, e que por isso tende a favorecer seus interesses. E é através da Memória Coletiva, que a história retira sua matéria prima. De frágil manutenção, é assim evidenciada sua natureza perene, a qual, por definição, “não ultrapassa os limites deste grupo” (Halbwachs, 1990, p. 82). É sabido que, “a história resiste ao tempo; o que não pode a memória” (Achard, 1999, p.26), e de fato, diante da não preservação memorial, culturas inteiras são apagadas, como se jamais tivessem existido. Mas, é justo dessa memória, frágil e perene, que a história, imortalizada através do advento da escrita, retira sua matéria prima. É a partir do preservado, não caído para esquecimento, que a história constrói seu discurso. Em teoria, a história se preocupa por contar o que aconteceu. Fazer determinada memória coletiva, romper seu ciclo de perenidade.

Não há imparcialidade na preservação histórica, bem como não há na manutenção da memória de São Lourenço da Mata, que possui, como ponto de partida, 1540, ainda nas primeiras décadas da colonização portuguesa às terras do que chamaria Brasil. Nesse período, minérios de grande valor não haviam sido descobertos em solo brasileiro, mas havia o pau-brasil¹. Naquele ano, portugueses, avançaram mais para o coração das terras invadidas, deparando-se com extensos hectares de mata atlântica, margeados por dois rios e seus afluentes². A região era habitada pelo povo Tupinambá³, que, por catorze anos resistiu aos invasores, às margens do Capibaribe. Em 1554, porém, reforços foram enviados para acelerar o genocídio em curso. Diante do excedente bélico e mais de uma década de resistência, os tupinambás foram arrancados de suas terras. Na forçada ausência, Portugal ficou livre para cumprir seu propósito: extrair cada broto, cada muda, cada árvore e tronco de pau-brasil, que a região tivesse a oferecer. A destruição da espécie se deu com a ação predadora e usurpadora em seu ápice.

¹Árvore leguminosa nativa da Mata Atlântica, grande interesse dos portugueses por conta do pigmento vermelho presente no interior de seu tronco, usado na área da tinturaria.

²Estes sendo Capibaribe e o Beberibe.

³Em todos os documentos históricos sobre o primeiro contato dos colonos com as terras de São Lourenço, a presença indígena aqui é apontada como sendo da família Tupinambá. Não foi possível, porém, encontrar qualquer confirmação recente da presença deles por aqui, bem como, nada que desmentisse os fatos então apresentados.

Ainda nas últimas décadas do século XVI, meados de 1587, formou-se nas terras usurpadas, o pequeno povoado de São Lourenço da Mata. Acredita-se que o nome tenha vindo, tanto pelas vastas matas da região quanto por fazer referência ao primeiro colono reassentado. Apenas em 10 de janeiro do ano de 1890, no entanto, é que ganharia título de município, através da lei provincial n.º1805. Hoje, suas manifestações culturais mais intensas, envolvem blocos carnavalescos – como a tradicional la ursa “Urso Branco de Cangaçá” (desde 1978) – e em incentivo recente, grupos de Coco, Cavalo Marinho e Ciranda, tem buscado reavivar e incentivar artistas locais. Tendo como momento de maior festividade, para a comunidade geral, o décimo dia do mês de agosto, em celebração ao aniversário do santo padroeiro.

A cidade que é vista, é aquela sentida

Ao alvorecer, São Lourenço da Mata é quieta e suave, com brisa fresca e tons quentes belíssimos, mas os anos passaram e a urbanização apesar de acontecida, não proporcionou aos seus habitantes as oportunidades para permanecerem e construir suas vidas. Seu recorte político com fronteiras bem demarcadas, sofreu com uso indevido de seu espaço desde o começo. O espaço como “nome dos resultados da intervenção humana sobre a terra, é formado pelo espaço construído que é também o espaço produtivo” (Santos, 2012, p.29). Nesse sentido, ele debate a ideia de que quem se coloca como proprietário do espaço, em abundância e dentro do capitalismo, exerce poder sobre outros, em geral, às custas do bem estar alheio. Provocando um efeito dominó de conhecimento superficial, sobre São Lourenço como mera cidade dormitório, onde pouco se acontece, nada de grandioso se vivencia.

A pretensão sendo desvelar aspectos para além da superfície, desse tal lugar, paradoxalmente abstrato e físico, guiei-me pela entrevista narrativa, que estima acima de tudo o “ato de revelar o modo pelo qual os sujeitos concebem e vivenciam o mundo” (Cabral e Sousa, 2015, p. 150). Morar na cidade, estar em constante contato com seu espaço, ser de diferentes faixas etárias e com diferentes ocupações de vida; foram os critérios de seleção dos habitantes que colaboraram com a pesquisa. Uma tem 84 anos, outro tem 23 anos e a terceira tem 10 anos⁴. Foi seguindo a trilha das memórias deles, de suas vidas no relato passional, Oliveira (2009), que busquei conhecer o lugar que cada um deles, chamava de São Lourenço da Mata.

A mais jovem colaboradora afirmou, ao ser indagada sobre o que era São Lourenço da Mata, para si: “Uma cidade muito legal. O lugar que fica minha casa. Um lugar muito bom, também, pra se viver. É isso que eu acho!” (Depoimento da entrevistada de 10 anos, 11/07/2023)⁵. Para ela, a maior referência seria sua própria casa, destacando o espaço habitado, do viver, onde são construídas as primeiras relações sociais do humano. Também sobre o tema, Oliveira (2009) destaca a existência de uma relação muito estreita entre lembrar e esquecer. Nesse ciclo sem

⁴Todos os convites e autorização seguiram as regras éticas de uma pesquisa científica.

⁵Nos trechos dos depoimentos tomei liberdade, de extrair os vícios de linguagem comuns à oralidade. O fiz, na intenção de melhorar a fluidez do texto.

fim, a memória infantil, defende Halbwachs (1990), toma por base a comparação. A cidade, possui ares de benevolência para ela, porque sua casa assim o faz. Não havendo grande distinção entre São Lourenço da Mata e outros municípios. Evidenciado na menção: “Uma cidade muito boa, pra se viver... Que tem várias oportunidades de emprego também.” (Depoimento da entrevistada de 10 anos, 11/07/2023)

Sua percepção acerca da cidade, é de um pano de fundo para o objeto principal, sua casa. Há na afirmação, a ideia de um não lugar, produto daquilo que Augé (2012) chama de supermodernidade. Estes seriam, espaços intercambiáveis, onde humanos permanecem anônimos. Desprovidos das camadas de significado, são corredores de passagem, que ligam os lugares e, em geral, ninguém tem um relacionamento muito grande com eles por serem destituídos de qualquer característica específica, que os permita associar a um espaço geográfico ou constituírem identidade própria. Sendo, portanto, assimbólicos.

Santos (2012) apresenta a paisagem como imutável, a ela referindo-se no sentido e visão de geógrafo, como aquilo que é físico e palpável. Vinda do campo das artes visuais, adiciono ao conceito da paisagem fragmento, aquela que é sentida. O mundo surge do modo como o sentimos. Não sendo isso imutável. A paisagem física, e seus fragmentos, será assimilada em diferentes aspectos, mediante as diferentes vivências de cada indivíduo. Portanto, a contribuição do segundo entrevistado (23 anos), ressaltou um aspecto inteiramente diverso da perspectiva infantil: “[...] bem antiga, e bastante importante. É uma cidade bastante verde, muito grande e com bastante habitantes. E a preservação daqui é muito boa” (Depoimento do segundo entrevistado, 23 anos, 12/07/2023).

A natureza imóvel, da paisagem, teria choque com o “casamento indissociável” entre ação, objetos e ideias, que ocorrem na paisagem. Onde o próprio Santos (2012) afirma que “paisagem” e “espaço” são diferentes conceitos. O primeiro está, de certa forma, subordinado às atuações do segundo. O espaço seria a paisagem fruída. A qual floresce no depoimento da terceira entrevistada (84 anos), que se destaca pela passionalidade das palavras e o grau de importância dado ao município como um todo: “É tudo. Pra mim, é tudo. São Lourenço da Mata é tudo. Entendeu, minha filha? Porque foi aonde eu vim ter paz e sossego na minha vida.” (Depoimento da terceira entrevistada, 84 anos, 01/08/2023).

Bosi (2023, p.72) alega que, “a narração da própria vida é o testemunho mais eloquente dos modos que a pessoa tem de lembrar. É a sua memória”. É a familiaridade, produtora da sensação de pertencimento, quem conduz essa vontade por permanência, essa fuga das mudanças drásticas, tão naturais na vida, justo após tê-las em excesso.

No processo das entrevistas, em diálogo com os três voluntários, percebi então que havia para além do município como um todo, um segundo aspecto, comum ao discurso geral. No ato de perguntar, qual o lugar mais importante em toda São Lourenço da Mata, todos responderam de pronto ser o ambiente pelo qual estavam imediatamente envolvidos, onde aquela conversa estava sendo realizada. A casa, para a primeira (10 anos). O Centro, para o segundo (23 anos). A rua do Rosário, para a terceira (84 anos). Distintos, mas semelhantes em seus apegos, tomaram-me pela mão e conduziram através das versões de São Lourenço, que, antes só suas, agora generosamente compartilhavam comigo.

A cidade pintada

Desde o princípio, o terceiro aspecto da pesquisa era a produção de peças visuais capazes de projetar a cidade vista, e descrita, por seus habitantes. Pois, como debate Canton:

E para que serve a arte? Para começar, podemos dizer que ela provoca,

investiga e estimula nossos sentidos, descondicionando-os, isto é, retirando-os de uma ordem preestabelecida e sugerindo ampliadas possibilidades de viver e de se organizar no mundo (Canton, 2009, p.12).

Pensar na cidade, porém, é mais do que pensar em suas construções arquitetônicas. Se trata de, pensar nas políticas de convivência, na sociabilidade construída, nos instrumentos capacitores da orientação daqueles cidadãos no ambiente, de modo que ele deixe de ser estranho e passe a ser familiar. Estudar a cidade, é procurar a soma e o excesso, o casamento de influências, memórias, que surgem na infância, mas que ganham contornos naturais tão intensos na vida adulta, que, sequer precisam de pensamento profundo para serem evocadas. O que chamamos de memória-hábito, que “faz parte de todo o nosso adestramento cultural” (Bosi, 2023, p. 51).

Desenvolvi, então, uma sequência de ações para melhor guiar-me na busca por essas cidades segredadas: a) Ouvir novamente as entrevistas realizadas; b) Esboçar as primeiras ideias imagéticas; c) Buscar referências; c) Escolha da paleta de cores; d) Ampliação do modelo para o tamanho A3.

A imagem que busquei, não estava tanto em mim. Habitava, porém, na passional declaração de amor à cidade, recitada por minha entrevistada mais velha. “Para poder ser criativa, a imaginação necessita identificar-se com uma materialidade. Criará em afinidade e empatia com ela, na linguagem específica de cada fazer.” (Ostrower, 1987, p.39). O lugar é espaço de produção interativa. Seja através de modo histórico, temporal ou pessoal. São nesses espaços com especificidades, a quem conferimos caráter de valor como sendo “formas com vida própria [...]” (Santos, 2012, p. 57). Para ela, a importância do espaço, se mostrou na permanência.

Assim, a cidade da terceira entrevistada (84 anos) manteve-se viva e acolhedora, como em suas palavras. Evocou-se no formato de um terço, em alusão ao antigo nome da rua de sua residência, na qual me disse ter sido feliz e, talvez acima disso tudo, mostrou-se neste contorno por toda fé depositada no divino. Ali, na antiga rua em formato de rosário, ela sentia-se segura. Perguntei-a qual seria sua cor favorita, e tão rápido que quase parecia ensaiado, sorriu-me e disse: “Verde, que é a cor da esperança!” (Terceira entrevistada, 2023). São Lourenço da Mata, para a mais velha colaboradora, simbolizava esperança. Ao pintar sua cidade, pinte sobre esperança.

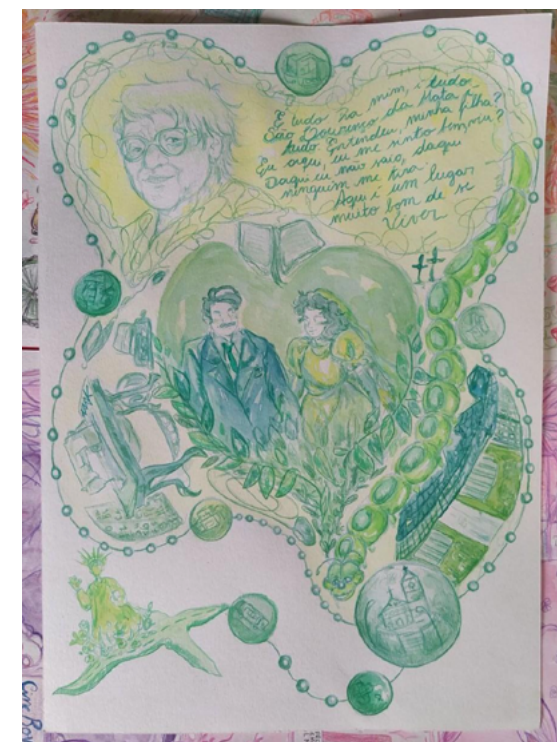


Figura 1 – “Pra mim é tudo” Fonte: Produção autoral. Acervo pessoal.

Ao alertar que, “o pensar só poderá tornar-se imaginativo através da concretização de uma matéria, sem o que não passaria de um divagar descompromissado, sem rumo e sem finalidade. Nunca chegaria a ser um imaginar criativo” de acordo com (Ostrower, 1987, p.32). Em sua entrevista, o segundo colaborador (23 anos) mostrou-se afeiçoado a trilhas de bicicleta e me contou sobre como conheceu quase todos os bairros do município, através de uma. Em sua narrativa, existiu a chama da curiosidade, o prazer pela aventura e a felicidade em descobrir novos cenários.

Assim, elenquei quinze lugares que, tanto para ele, quanto para mim, eram destaques da cidade e que, em sua entrevista surgiram em naturalidade. Mas, como “Somos, de nossas recordações, apenas uma testemunha, que às vezes não crê em seus próprios olhos e faz apelo constante ao outro para que confirme nossa visão (...)” (Bosi, 2023, p. 423), voltei ao maps vez após vez. Não sendo suficiente, visitei os espaços, vivenciei-os à distância, e em presença, como mera espectadora. Diligentemente escolhi as plantas que gostaria de representar, e onde deveriam ficar na composição.



Figura 2 – “Preservada” Fonte: Produção autoral. Acervo pessoal.

A primeira entrevistada (10 anos), via São Lourenço contido no seu lar. Ambos indissociáveis. Na concretização de que “A casa materna (...) a cidade cresce a partir dela, em todas as direções. (...)” (Bosi, 2023, p. 454). Evocou assim o desafio, de como enxergar as coisas nas suas antigas proporções, como posso tornar-me de novo criança? Sua cidade, já era uma fabulação, criada a partir do que gostaria que fosse. Expansão de sua casa, pintada com doces cores, cheia de animais, perto das pessoas que ela amava.

A despeito da evocação do conceito de não lugar, ao menos durante nossas entrevistas, nascia uma São Lourenço da Mata que era real, para ela. Uma utópica cidade, onde empregos surgiam com facilidade, na qual a diversão corria solta, um lugar muito bom para se morar. A mais jovem entre os entrevistados, é uma criança criativa e curiosa, com grande ensejo para as artes num geral, apaixonada por animações e jogos de celular. No correr do lápis sobre papel, nascia a cidade que era toda acerca de cores alegres e divertidas, tons de infância, numa explicação compenetrada e fabulosa.



Figura 3 – “Uma cidade muito boa!” Fonte: Produção autoral. Acervo pessoal.

A cidade que fica

Na aurora de minha infância passei pelo centro de São Lourenço da Mata, e aos poucos construí aquilo que, no início desta pesquisa, denominei como conhecer meu espaço, no sentido de que, poderia explicar sobre a cidade com fácil pensamento. Mas aquela sempre foi a cidade que criei, que existe para mim, e mais ninguém. O que é a cidade de São Lourenço da Mata para seus habitantes? Através de cada um deles, fui capaz de construir o lugar novo a parindo do já existente, tracejando imagens que evocaram a sensação de casa, até então perdida. Apesar do artista não ser nenhum criador de sociedades – não cabemos neste espaço de megalomania sem sentido – somos mediadores de conversas. Ao se ter início este trabalho, mencionei o fato de arte ser diálogo, e o que foram os resultados pictóricos desta pesquisa que não a visualidade de uma troca? Oliveira (2009), afirma que o artista observa a paisagem ao seu redor e em alguns casos, recupera espaços degradados, propicia o debate. São Lourenço da Mata, cidade por muitos esquecida, reconstruída como um lugar de memórias. Não há uma resposta objetiva, para uma cidade física, palpável aqui, não era na materialidade que buscava referência, mas nos castelos da mente. Nestes, a paisagem urbana desnudou-se repleta de significâncias e particularidades, destacando como um mesmo espaço físico, pode, e é, fruído singularmente por cada um que com ele estabelece relação. Não há uma única São Lourenço da Mata que seja igual, pois não há apenas uma São Lourenço da Mata. Existem mil formas de vivenciar o município, da qual dediquei-me a saber três.

A arte é capaz de resgatar a sensação de lugar perdido. É capaz de gerar encontro, compreensão, pertencimento. Agora, quilômetros e quilômetros de distância da letra inicial, consigo dizer que: para a primeira entrevistada, São Lourenço da Mata é um pano de fundo, um cenário vago, não muito impactante na narrativa de sua vida, que pode ser substituído, moldado às suas confabulações de criança, se melhor convir. Para o segundo, São Lourenço da Mata é o verde, é aquilo que poderia ser, e o que seus cidadãos tentam que seja, é nostalgia de algo que talvez nunca tenha existido. E para a terceira, São Lourenço da Mata é aquilo que significa, que foi, aconteceu e lhe inundou de bons sentimentos, é vida, e não por ser perfeita – a vida ou a cidade – mas por ser vivida, sentida, por se atribuir significado a ela. Para ela, São Lourenço é um lugar, talvez “O lugar”, com essa entonação de importância.

Referências

- Achard, P., & Davallon, J., & Durand, J.L., & Pêcheux, M., & Orlandi, E.P. (1999). *Papel da Memória* (4ª ed.). [Role of memory]. Pontes Editores.
- Augé, M. (2012). *Não lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade* (9ª ed.). [Non-places: Introduction to the anthropology of supermodernity]. Papirus.
- Bosi, E. (2023). *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. (20ª ed.). [Memory and Society: memories of old people]. Companhia das Letras.
- Canton, K. (2009). *Espaço e Lugar*. (1ª ed.). [Space and Place]. Editora WNF Martins Fontes.
- Da Costa, L. (2014). Cartografia: uma outra forma de pesquisar. [Cartography: another possibility to research]. *Revista Digital do LAV*, volume (7), 66-77. <https://doi.org/10.5902/1983734815111>
- Halbwachs, M. (1990). *A Memória Coletiva*. [The Collective Memory]. Editora Revista dos Tribunais Ltda.
- Oliveira, A. M. de. (2022). Arte como lugar da memória. [Art as a place of memory]. *INTERthesis*, volume (6), 106-122. <https://doi.org/10.5007/1807-1384.2009v6n2p106>

Ostrower, F. (1987). *Criatividade e processos de criação*. (6ª ed.). [Creativity and creation processes]. Vozes.

Ramalho, Z. (1976). Jardim das Acácias – II. In *Antologia Acústica* <https://SMB.Ink.to/AntologiaAcustica>

Santos, M. (1995). *Geografia, da Paisagem ao Espaço*. [Geography from Landscape to Space]. FAU-USP. <https://drive.google.com/drive/folders/1ouZ0mfbDyEkTLdR-vE6FZIB5CXis9Qdfa>

Santos, M. (2012). *Pensando o Espaço do Homem*. (5ª ed.). [Thinking about Man's Space]. Editora da Universidade de São Paulo.

Sousa, M.G. da S., & Cabral, C. L. de O. (2015). A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores. [A narrative as option and research methodology teacher education]. *Horizontes*, volume (33), 149-158. <https://doi.org/10.24933/horizontes.v33i2.149>.